

# OS GUARDIÕES SELVAGENS

O MAR ESCONDIDO

LIZ FLANAGAN

ILUSTRAÇÕES DE Joe Todd-Stanton



*Para todos os meus queridos primos e os seus filhos —  
especialmente para Erin e Ruaridh, que me emprestam  
gentilmente os seus nomes, apesar de estas histórias  
já serem demasiado infantis para eles.*



## CAPÍTULO UM



ENQUANTO A NOITE CAÍA, A ROWAN E O SEU cavalo alado, o Rato, voavam para a praia. Ela cuidava do alto pégaso desde que ele era um pequeno poldro e amava-o com todo o coração. Quando pousaram, os cascos do Rato deixaram pegadas na areia húmida. A Rowan deslizou do dorso do pégaso e afagou-lhe o pescoço. A seguir, verificou as suas asas, dobradas contra as costas.

A Rowan tremeu com o ar puro e fresco. O céu e as ondas já estavam preto-azulados. Ela sentia o cheiro do fumo de madeira queimada e dos cozinhados do pai.





— Olha, Rato, o pai fez uma fogueira. Vamos aquecer-nos.

— Olá, Rowan. Olá, Rato — cumprimentou o pai.  
— Divertiram-se a voar?

— Só demos uma volta às ilhas — explicou a Rowan. — Não há nada de novo a reportar. — Ela tentou não mostrar como se sentia sozinha e com saudades de casa. A culpa não era do pai e ela não queria preocupá-lo.

Eles estavam escondidos ali, na Ilha de Thornback, desde o outono, e o solstício de inverno estava quase a chegar. Quando é que poderiam regressar a casa?

O pai sorriu quando eles se aproximaram.

— Olha, temos guisado de peixe fresco para nós, e o Rato pode pastar ali.

A Rowan deixou-se cair no velho tronco de madeira que dera à costa e que eles usavam como banco.

— Obrigada.

Ela comeu a sua malga de guisado quente de peixe e cenouras, temperado com ervas selvagens e algas. Tentou não pensar nos cozinhados da mãe e em todos os seus pratos preferidos. A seguir, ficou ali sentada, encostada ao pai, a fitar a fogueira.



O pai disse:

— Eu sei que é difícil, Rowan. Sei que tens saudades da mãe. Eu também tenho. — Ela sentia a barba dele a arranhar-lhe o cabelo enquanto falava.

Os olhos da Rowan ficaram subitamente marejados de lágrimas.

— Também tenho saudades do avô — disse ela. — E do Arto.

Ela só conhecera o avô e o seu lobo branco no verão anterior, quando tinham ficado em casa dele, perto da Floresta Negra. A sua visão ficou turva,





transformando a fogueira numa enorme mancha dourada, mas o calor que de lá emanava secou-lhe as lágrimas nas bochechas antes que pudessem cair.

A Rowan também tinha saudades das suas amigas — a Bella, a sua amiga mais antiga da cidade, e a Cam, a sua nova amiga, que morava perto do avô. Ela até tinha saudades do Will, o irmão da Cam, embora ele os tivesse traído, denunciando-os aos estrianos.

— Mas temos de nos manter a salvo — retomou o pai. — Temos de ficar aqui até sabermos que a guerra terminou realmente. Antes disso, é demasiado perigoso, pois os estrianos querem caçar o Rato.

A Rowan sabia que o pégaso era uma arma valiosa numa guerra e prometera manter o Rato em segurança. Como é que alguém poderia querer fazer-lhe mal? Ela nunca entenderia os estrianos, que caçavam magníficos animais selvagens.

— E querem caçar-te a ti também — acrescentou o pai. — Também temos de te manter a salvo.

A Rowan era uma guardiã selvagem, como o seu avô: alguém que conseguia curar animais e falar com eles, usando magia. Os estrianos queriam um guardião







selvagem a trabalhar para eles, mas a Rowan nunca usaria a sua magia para praticar o mal. Ela e o Rato tinham escapado aos estrianos e agora estavam escondidos ali até a guerra terminar.

O Rato sentiu a tristeza dela. O pégaso aproximou-se e soprou ar quente equino para o pescoço dela.

— Isso faz cócegas! — A Rowan riu-se, esticando uma mão para lhe afagar o nariz suave e aveludado. Com o braço forte do pai sobre o seu ombro e a presença reconfortante do Rato, ela começou a sentir-se melhor e limpou os olhos à manga.

Nesse instante, uma luz pálida surgiu no horizonte, como uma neblina acinzentada no céu. Enquanto ela a fitava, a luz ficou verde.

— Olha, pai! — exclamou a Rowan, apontando. — O que é aquilo?

Eles puseram-se de pé com um salto e olharam para longe. Havia duas enormes colunas de luz verde no céu, que foram ficando cada vez mais largas e começaram a dançar, como véus dourados e esverdeados que giravam e tremeluziam.

— É a aurora boreal — disse o pai, apertando-lhe a mão. — Ouvi falar dela, mas nunca a tinha visto.





Apareceram novos fios de luz: cor-de-rosa, violeta e brancos. Era incrivelmente bela. Durante alguns instantes, mantiveram-se em silêncio, a absorver as cores que enchiam todo o céu por cima deles.

Pouco depois, o fenómeno passou e milhares de estrelas voltaram a salpicar a escuridão aveludada.

— Uau! — sussurrou a Rowan tremulamente.

— Temos sorte — disse o pai. — Vês, esta é uma coisa boa de passarmos aqui este inverno! Não teríamos visto a aurora boreal em nossa casa, em Holderby.

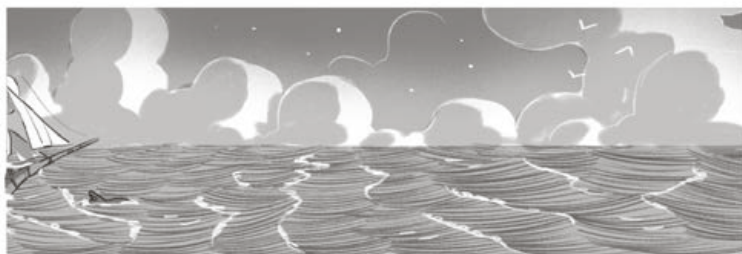
A Rowan sentou-se novamente, ainda a fitar o céu. Perguntou-se se a sua mãe estaria a olhar para as mesmas estrelas. Ela desejava poder contar à mãe o que acabara de ver. Já nem sequer sabia onde ela estava.

— Achas que a mãe e o avô ainda estão em segurança com as bruxas? — perguntou a Rowan.

Enquanto dizia estas palavras, o ar rodopiou e tremeu de forma estranha do outro lado da fogueira, como se se criasse uma névoa de calor.

De repente, apareceram duas bruxas.





## CAPÍTULO DOIS



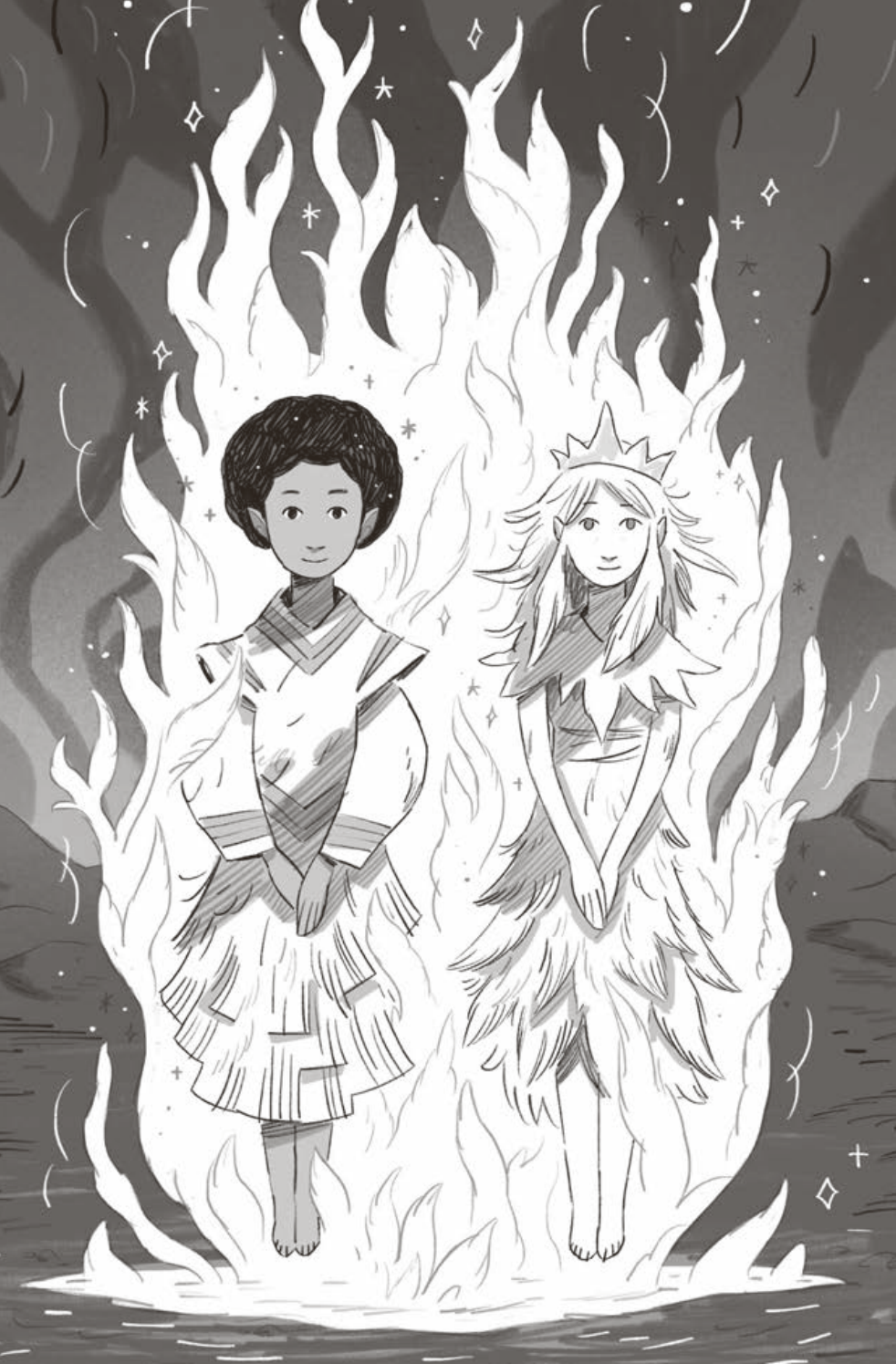
PRIMEIRO, A ROWAN CONTEVE A RESPIRAÇÃO, em choque, e depois acenou para as bruxas.

— Olá!

Uma dúzia de perguntas rodopiava na sua mente.

À sua frente, tinha a Mara, com a sua pele branca e o cabelo a cair sobre as costas como uma cascata de neve, e a Safira, com a sua bonita pele castanho-escuro e cabelo preto, curto, que brilhava cheio de cristais que pareciam fragmentos de gelo. Os seus elegantes vestidos nem sequer estavam amarrotados da sua viagem mágica.







— Safira, Mara, bem-vindas! — A Rowan pôs-se de pé com um salto, servindo-lhes guisado, enquanto o pai lhes mostrava onde se poderiam sentar para descansar.

As bruxas cumprimentaram-nos, cansadas.

— A Alyssa regressou e disse-nos onde podíamos encontrar-vos — explicou a Mara.

Eles sabiam que as bruxas estariam cansadas e com fome depois da viagem. A Rowan tentou ser paciente e ficar sentada em silêncio enquanto elas comiam.

A Safira sorriu para ela, adivinhando o que ela queria perguntar.

— Não te preocupes, Rowan. Está tudo bem. A tua mãe e o teu avô estão bem. E o Arto também — acrescentou ela.

A Rowan sentiu o pai descontrair ao seu lado.

— Temos apreciado a companhia do lobo branco, bem como os cozinhados da tua mãe e o seu conhecimento sobre plantas — disse a Mara.

— E o dom do guardião selvagem de curar e falar com os pássaros e os animais — acrescentou a Safira.

Porém, a Rowan não conseguia descansar até saber o que as bruxas queriam.





— Então, porque é que vieram? — deixou escapar.

As bruxas riram-se com a sua frontalidade. Era um som agudo e tilintante que ressoava no ar. A seguir, os seus olhos pousaram sobre o Rato e os seus sorrisos desapareceram.

O estômago da Rowan contorceu-se. Ela levantou-se e enrolou os braços à volta do brilhante pescoço negro do Rato, embora ultimamente já tivesse de se pôr em bicos de pés para conseguir fazê-lo. Ela abraçou-o, sentindo a força muscular do pégaso que ela tanto amava.

A Mara disse baixinho:

— Encontrámos a mãe do Rato.

— Está na hora de ele ir para casa — disse a Safira.

— Oh, Rato! — exclamou a Rowan. — A tua mãe está a salvo! Podem ficar novamente juntos. Que maravilha! — Ela estava a ser sincera: estava muito feliz pelo Rato. Ele precisava da sua família e poderia voltar a viver com eles e ser livre.

O pégaso fez um som confuso, à espera de que ela explicasse.

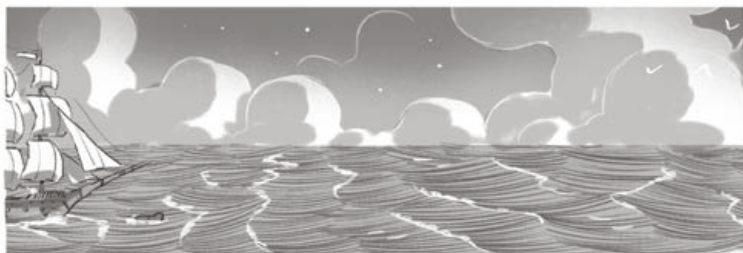
Contudo, no instante seguinte, a alegria da Rowan transformou-se em desgosto. Ela também queria





voltar a ver a sua mãe. Precisava que a *sua* família estivesse novamente junta. E depois apercebeu-se de outra coisa: agora teria de dizer adeus ao seu adorado Rato, que vivera com ela desde que era um poldro pequenino.

A Rowan escondeu o rosto na crina do Rato e chorou.



## CAPÍTULO TRÊS



**O** PAI E AS BRUXAS FIZERAM UM CÍRCULO À volta da Rowan e do Rato enquanto ela chorava. Ela sentiu a mão quente e pesada do pai no seu ombro.

Por fim, a Rowan ergueu a cabeça, engoliu em seco e perguntou:

— Como é que a encontraram? Têm a certeza de que é a mãe do Rato? — Uma minúscula parte sua queria que aquilo fosse um engano, para que o Rato pudesse ficar com ela para sempre.

— A guardiã selvagem das planícies, uma mulher chamada Agnes, tem vivido junto de uma manada de





pégasos, a curá-los e a protegê-los — começou a dizer a Mara. — Pensávamos que restavam poucos, até ouvirmos falar desta manada.

— O teu avô escreveu à guardiã selvagem, já que a Agnes é uma velha amiga dele. Ele contou-lhe todas as suas novidades, incluindo a história do Rato — continuou a Safira, com os seus olhos escuros a brilhar à luz do fogo. — Depois, a Agnes escreveu-lhe de volta.

— As histórias coincidem, Rowan — disse a Mara. — A cria de pégaso perdida que criaste tão bem foi a que se separou daquela fêmea. Podemos verificar — disse ela suavemente. — A Agnes enviou este anel. É feito de crina de cavalo, tirada quando a Agnes estava a desembaraçar a crina da fêmea. Ela encantou-a com a sua magia de guardiã selvagem. Pela reação do Rato, ficaremos todos a saber se aquela égua é mesmo a sua mãe.

A Mara abriu a palma da mão com cuidado. A Rowan viu um pequeno anel entrelaçado. Era feito de fios castanho-escuros de crina, entrançados num aro.

— Toma — disse a Mara. — Mostra-o ao Rato e veremos se a Agnes está certa.







A Rowan sentiu-se tão cheia de emoção que estava prestes a explodir. Ela queria gritar: «Não, não podem levá-lo!» Mas pensou nas saudades que tinha da sua própria mãe. O seu treino de guardiã selvagem não lhe tinha ensinado a colocar sempre os animais em primeiro lugar? Os seus sentimentos teriam de ficar para depois.

— Está bem — concordou a Rowan. — Vejamos se isto veio realmente da mãe do Rato. Uma parte dela ainda esperava que as bruxas estivessem enganadas. No entanto, ela pegou no anel que a Mara segurava e acercou-se do Rato.

Mostrou-lhe o anel, aproximando a sua mão e a sua mente dele e usando todas as suas novas capacidades de guardiã selvagem.

*As bruxas acham que encontraram a tua mãe*, disse ela ao jovem pégaso. *Este anel é dela?* Ela não usou palavras, apenas pensamentos: claros, fortes e simples.

O Rato esticou-se e cheirou o anel feito de crina. A sua reação foi imediata. Atirou a cabeça para trás, à escuta. Resfolegou bem alto, sacudindo a sua crina, e depois emitiu um longo relincho.

*Onde está ela? Onde está a minha mãe?*, perguntou o Rato.






*Longe, pensou a Rowan na sua direção. Mas em breve poderás regressar à tua mãe e à tua primeira manada.*

O Rato afastou-se da Rowan, deixando o coração dela ainda mais apertado.



Empinou-se com entusiasmo e dançou pela praia com alegria; com a cabeça para baixo, os cascos a dar coices, a cauda a abanar no ar. O pégaso celebrou a notícia com cada pedacinho do seu corpo.

Ao ver a sua alegria, a Rowan riu-se através das lágrimas. A reação do Rato tornava tudo mais fácil para ela. As bruxas tinham razão: tinham encontrado a manada do Rato. O pégaso queria ir para casa, queria ir ter com a mãe. Era a coisa certa a fazer.



UMA HISTÓRIA ENCANTADORA  
E CHEIA DE AÇÃO, SOBRE A AMIZADE,  
O VALOR DA FAMÍLIA E A IMPORTÂNCIA DE  
SABERMOS ENFRENTAR OS NOSSOS MEDOS.

A Rowan vive momentos difíceis. Escondida na remota Ilha de Thornback, com o pai e o Rato, o pégaso que ela criou desde pequeno, a guardiã selvagem tem saudades da mãe, do avô e da Floresta Negra.

É então que duas das suas amigas bruxas a vêm visitar para anunciar que talvez tenham encontrado a mãe do Rato, há muito desaparecida. Decidida a juntar o pégaso à sua família, a Rowan parte numa viagem perigosa, prometendo ao pai que voltará.




Mas nem tudo corre como esperado e, no regresso à ilha, o barco onde a guardiã se encontra é assaltado pelo inimigo: os estrianos. Poderá o mar ser um aliado?

A Rowan volta a fazer prova de toda a sua coragem. Conseguirá, finalmente, voltar para casa?



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN: 978-989-583-482-2



9 789895 834822